# RESENHA

WEBSTER, John. **Santidade**. São José dos Campos, São Paulo: Editora Fiel, 2021. ISSN 2965-5234.

O que é teologia? Seria mero conhecimento cognitivo sobre a pessoa de Deus? John Webster não pensa assim, ele observa teologia como um meio de comunhão intelectual com Deus, uma verdadeira consequência da manifestação da presença salvadora de Deus em sua igreja. Além disso, para ele, todas as doutrinas teológicas são derivadas da doutrina da trindade, onde Deus é o seu objeto formal e a raiz de toda teologia[1]. Sua obra *santidade* não foge desse padrão e deve ser vista nesse diretório complexo cujo objetivo é a pessoa de Deus e todas as demais coisas em relação a Ele. É um livro denso, muito profundo e reflexivo, como todo ensaio desse relevante teólogo.

Essa Obra é uma "dogmática trinitária da santidade" (p. 9), isso significa que o autor busca o conceito de santidade focando em Deus e, a partir disso, versa sobre seus derivados- a santidade da igreja e a santidade dos homens. O grande diferencial e foco desta obra trinitária é o reconhecimento da santidade divina em dois aspectos: de um lado o Deus trino, em si, é santo, por outro lado, Ele é santo na igreja, ou seja, "sua santidade é um modo de relação com as criaturas que Ele santifica" (p. 14). Assim, não se pode pensar sobre a santidade divina abstraída da percepção de que essa é um conceito relacionado ao seu ser, e é ao mesmo tempo um atributo relacional e comunicativo.

A linha argumentativa do autor começa enfatizando como elaborar uma teologia da santidade, para depois falar sobre a santidade de Deus e seus derivados. No primeiro capítulo ele está preocupado em mostrar como produzir teologia e o papel da razão. Para ele a Dogmática não pode ser vista como algo sem vida, mas como uma atividade de deleite e louvor a seu Criador, trazendo as realidades do evangelho ao campo da comunhão intelectual, onde a teologia é um aspecto da santificação da razão pela presença reveladora de Deus. Para ele "o próprio pensar teológico sobre a santidade já é um exercício de santidade" (p. 18). Webster, ao contrário dos influenciados pelo iluminismo, demonstra que a razão é caída e a elaboração da teologia da santidade é um dos aspectos redentores e santificadores da razão, ou seja, a teologia é tanto um exercício da razão santificada quanto seu agente santificador, tendo como "contexto e conteúdo a presença reveladora da santa Trindade" (p. 16). Neste âmbito, a revelação é definida como a auto

[1] Webster argumenta claramente sobre isso em seu artigo "The Place of Christology in Systematic Theology". Disponível em: Webster, John. *Good without measure: volume I*. New York, USA: BloomsburyT&T Clark, 2016. Pg: 43-59.

representação da trindade, sendo seu conteúdo a realidade de Deus e seu estudo o estabelecimento de uma comunhão salvadora com sua Criatura, "em suma, revelação é reconciliação (...) é o próprio estabelecimento da comunhão" (p. 24). Como a teologia está voltada para a revelação, ela deve ser vista como baluarte exclusivo da igreja e meio de comunhão racional com Deus para o louvor de seu nome. A produção teológica é parte da mortificação e regeneração advinda de Deus, um verdadeiro ato relacional coma Trindade e a partir dela, e por isso, só pode ser feita em oração e serve a comunidade dos santos.

Webster lembra que a santidade divina apresentada no Antigo Testamento é revelada por meio dos atos criadores e redentores de Deus, onde ele "expande seu ser a nós" (p. 30). Destarte, a teologia da santidade busca seu conhecimento nos santos atos reveladores da santíssima Trindade através das Sagradas Escrituras. Dado a impossibilidade de separação entre as procissões internas de Deus e sua economia, a razão por meio do Espírito contempla a santidade de Deus em suas obras para o louvor e santificação de seu santo nome- esse é o objetivo da teologia.

No segundo capítulo, seu foco é demonstrar que a santidade deve ser definida a partir da trindade e não pode ser desconectada da presença e ação divina pessoal, onde cada pessoa do Deus trino se dá a conhecer na obra de redenção do evangelho. Nesse sentido, a santidade de Deus é vista no cumprimento daquilo que Ele mesmo determinou. Com isso o autor não está colocando Deus como um tipo de refém de seu querer, mas reconhecendo que, como agente livre, na simplicidade divina, as atitudes de Deus são a expansão de seu ser. Assim, a santidade do Pai é manifesta na eleição; a do Filho na redenção; a do Espírito na santificação (p. 73-74). Para o autor, Deus é santo em seu ser e em suas ações, pois ambas as coisas são intimamente relacionadas. A santidade de Deus, assim como todos os seus atributos, é idêntica a "essência de Deus, mas sua essência é seu ser e agir como Pai, Filho e Espírito Santo" (p. 46). Esse é o motivo para concluir que a obra divina na criação e redenção é a manifestação desse seu atributo. De acordo com o autor, o estudo da santidade do divino é uma espécie de "ontoteologia" que mostra "quem é Deus" (não "o que é Deus") através de uma "representação conceitual das obras e dos caminhos da santíssima Trindade" (p. 47).

Segundo Webster, o nome de Deus é a promulgação de sua identidade, onde Deus é aquele que é (totalmente absoluto e separado da criação). Além disso, para ele, a dogmática de cada um dos atributos de Deus é a representação de seu santo nome em determinado aspecto, por conseguinte, devemos dizer que Deus é simples. Não é difícil perceber que o diferencial desse capítulo é demonstrar que a construção teológica da santidade divina é uma indicação do nome de Deus, um verdadeiro predicado se seu ser pessoal e um derivado da observação do Deus trino que se direciona a suas criaturas. A teologia deve, então, considerar que o Deus triplamente santo e

transcendente vive entre nós e se relaciona conosco. É comum, teologicamente, identificar o termo santidade como estar separado e a santidade de Deus como sua absoluta transcendência. Webster não está combatendo isso, no entanto, lembrando que o absoluto e separado vive entre nós e não há como separar o ser de Deus de suas obras, "Ele é aquilo que ele faz" (57). Nessa linha, se a santidade de Deus é aquilo que Deus efetivamente é, ela não só indicará sua transcendência, como também será "a sua majestade em relação" (p. 58), um conceito intimamente vinculado a comunhão, pois, não haverá como separá-la de sua economia (isto é, a manifestação de amor no evangelho). Por isso o autor conclui que falar da santidade de Deus "identifica a maneira de sua relação conosco" (p. 59). A santidade, por ser relacional, está também profundamente vinculada a Aliança. Um estudo profundo sobre a santidade precisa considerar que aquele que é santo e, consequentemente, separado da maldade, habita com a humanidade e redime seu povo através da aliança, e isso precisa ser observado como parte de sua santidade. A santidade de Deus se caracteriza na sua presença para salvar.

O terceiro capítulo é voltado para a santidade da igreja. O autor visa demonstrar que a igreja se torna santa por causa do zelo de Deus por seu próprio nome. Deus demonstra a sua santidade e santifica seu nome santificando a igreja, que promulga seus atos e louva seu Senhor. Sua argumentação começa mostrando que a igreja é um *corpus* formado pela eleição e sua santidade é de caráter infundido, por meio da graça e da ação do Espírito. Para ele a santidade da igreja tem suas raízes na misericórdia da trindade que elege e reconcilia um povo para se tornar "parceiro da aliança de Deus e local da comunhão dos santos" (p. 80). A linha de raciocínio do autor é a seguinte: a santidade da igreja é um resultado das ações divinas e estas são indissociáveis da santidade de Deus. Por conseguinte, o nascimento da santidade da igreja está enraizado neste atributo do Senhor. Isso não significa que Deus seja apenas a causa inicial e final da igreja, contudo que "A igreja é porque Deus é. A igreja é santa porque Deus é santo" (p. 81). A graça envolvida aqui não é simplesmente a doação de um produto, e sim um movimento de relação entre Criador e criatura, e por causa da presença e ação da trindade na igreja a santidade da segunda aparece. Uma leitura bem acurada desse capítulo leva a percepção de que a santidade da igreja é uma consequência de Deus ser quem ele é no meio de seus eleitos. Nessa relação, a igreja, ontologicamente, é um apontador de sua origem, e a santidade da igreja é manifestada ao se voltar para uma relação com seu criador, testemunhando seus feitos e louvando seu santo nome. A santidade da igreja não é uma moralidade nua e crua, mas uma vida de comunhão com seu Senhor.

Para ele a ontologia da santidade da igreja, muito além de meros atributos morais, é a confissão ou reconhecimento de que Deus é o Senhor. Tal confissão não tem sua origem na vontade humana, contudo, na manifestação da presença de Deus como santo em seu povo. A

santidade da igreja se torna visível ao mundo na prática dos mandamentos- esses são um resultado, não um meio. Além disso, a ausência de seu perfeito cumprimento levanta a necessidade do arrependimento constante. Todo esse resultado está profundamente conectado a testemunhar o nome de Deus e a louvá-lo como Senhor. Para ele, a verdadeira oposição ao pecado realizada pela igreja é entronizar a Deus e louvá-lo para sempre. Portanto, é fácil perceber que a santidade da igreja é uma consequência da livre e transbordante santidade divina que se expande até a igreja e a direciona para adoração.

No quarto capítulo o autor visa demonstrar que a santidade do cristão é a economia da trindade que leva o pecador regenerado a um relacionamento de comunhão com Deus. Para Webster, a santidade do cristão não é uma tentativa de dar a Deus uma oferta de gratidão pela salvação, ao contrário, é um resultado da eleição divina, e as atitudes de gratidão uma consequência desta, onde o homem fica totalmente consagrado para servir a seu Senhor e se relacionar com ele. A santidade está profundamente vinculada a fé e resulta na negação da busca de ser Deus para si mesmo. Sendo mortificado o homem sente horror ao pecado e volta-se, em liberdade, obediência e amor para aquele que a tudo criou, marcando a restauração da comunhão da aliança e a orientação à obediência das leis de Deus, o que decerto, é a verdadeira liberdade e a "forma de vida que Deus ordena aos eleitos" (p. 126). Para o autor, a lei é um tutor que marca o caminho da santidade ao apontar para o caráter de Deus.

A santidade do homem está fundamentada no perdão e reconciliação ocorridos por determinação da trindade, em que o Pai envia o Filho que salva os pecadores e expede o Espírito santificador. É uma obra trinitária para a Trindade. O homem é um agente recebedor, apesar de não ser um agente passivo; porém, até sua fé e prática de boas obras são um resultado da economia divina como um todo. Ser santo é ser totalmente consagrado a Deus em Jesus, através do Espírito que realiza a santificação e promove a comunhão e o relacionamento entre a criatura e criador, além de promover a comunhão em amor com outros homens. Isso é a vida, a saber, "a santidade ativa na companhia do Deus santo" (p. 118). Santificação é a criatura liberta do pecado e impulsionada as boas obras, pela fé, poder desfrutar de seu Senhor desde agora e para todo sempre, amém!

Me. Gabriel Leoncio Corrêa